O PAPEL DAS REESCRITAS EM CONTEXTO PEDAGÓGICO - ALGUMAS REFLEXÕES

ÂNGELA BALÇA*

I - INTRODUÇÃO

Com esta breve comunicação pretendemos reflectir um pouco sobre o papel que as reescritas das obras, consideradas clássicos da literatura universal, têm em contexto pedagógico. Para muitos jovens, a leitura é uma actividade penosa, à qual apenas associam os textos ou obras integrais que lêem (ou não lêem) obrigatoriamente na escola. Num tempo em que a leitura não é certamente o passatempo preferido dos nossos jovens e onde nomes como Homero, Virgílio, Camões ou Cervantes são desconhecidos do público juvenil ou são sinónimo de terror, talvez estas reescritas possam ser uma ponte, não só para sensibilizar e motivar os jovens para a leitura como também para os levar à leitura dos textos originais.

Existem várias editoras que publicam colecções formadas maioritariamente por reescritas dos denominados grandes clássicos da literatura universal, destinadas a um público infanto-juvenil - a Livraria Sá da Costa Editora, com a sua velhinha colecção «Os Grandes Livros da Humanidade»; as Publicações Europa-América, com a colecção «Os Grandes Clássicos Juvenis»; a Editora Ulisseia, com a recentíssima colecção «Clássicos Junior»; e até mesmo a Areal Editores, que resolveu comemorar o 10º aniversário da sua fundação com uma reescrita de *Os Lusíadas*, intitulada *Os Lusíadas em prosa*.

Notamos, deste modo, que estas colecções estão no mercado há bastante tempo (a colecção da Livraria Sá da Costa Editora teve início em 1930) e mantêm

* Docente da Universidade de Évora

um fiel público receptor, como se pode verificar pelas recentes colecções vindas a lume (é o caso da colecção da Editora Ulisseia, de Março de 1997). Segundo Diogo (1994), esta profusa edição de reescritas «(...) pode dever-se ao facto de a nossa indústria livreira ser uma indústria pobre.». (p.13) Não contestamos esta afirmação, apenas constatamos que estas reescritas proliferam, têm um público receptor e estão mesmo presentes nos programas oficiais da disciplina de *Língua Portuguesa*, em vários ciclos de ensino.

Esta nossa comunicação dividir-se-á, deste modo, em duas partes. Na primeira tentaremos observar como estas reescritas estão presentes nos programas da disciplina de *Língua Portuguesa*; na segunda procuraremos tecer algumas reflexões sobre o papel destas reescritas em contexto de sala de aula.

II - A PRESENÇA DE REESCRITAS NOS PROGRAMAS DA DISCIPLINA DE *LÍNGUA PORTUGUESA*

Neste ponto do nosso texto tentaremos definir um pequeno quadro conceptual, de forma a compreendermos melhor os textos que são objecto da nossa reflexão e que são alvo de diversas designações nos documentos programáticos. Num segundo momento iremos constatar como é que as reescritas e as obras originais correspondentes estão presentes nos programas das disciplinas de *Língua Portuguesa* e de *Português*.

1 - Ao iniciar a pesquisa das reescritas presentes nos programas da disciplina de *Língua Portuguesa*, deparámo-nos com a necessidade de elaborar um pequeno quadro conceptual, uma vez que estas surgem nos documentos programáticos com as mais variadas designações. Deste modo, o nosso pequeno quadro conceptual teve como modelo teórico a obra de Genette (1982), intitulada *Palimpsestes*.

Genette (1982) debruça-se, na obra referida, sobre uma das modalidades da transtextualidade, que ele denomina hipertextualidade e que consistiria em «(...)toute relation unissant un texte B (que j'appellerai hypertexte) à un texte antérieur A (que j'appellerai, bien sûr, hypotexte)(...).» (p.13); «J'aborderai donc ici, sauf exception, l'hypertextualité par son versant le plus ensoleillé: celui où la dérivation de l'hypotexte à l'hypertexte est à la fois massive (toute une oeuvre B dérivant de toute une oeuvre A) et déclarée, d'une manière plus ou moins officielle.»(p.19). Deste modo, existiria uma relação entre um texto A que seria

subjacente a um texto B; este texto B seria posterior e derivaria do texto anterior A. Recolhendo apenas um exemplo dos documentos programáticos, podemos afirmar que *Os Lusíadas* de Luís de Camões seriam o texto A ou o hipotexto de *Os Lusíadas de Luís de Camões* de João de Barros, que seriam o texto B ou o hipertexto.

Assim, para além dos termos hipotexto / hipertexto, resolvemos adoptar uma designação, que pudesse abranger todas as obras presentes nos documentos programáticos, cujas características fossem as definidas por Genette - reescrita. Entendemos por "reescrita" um texto que foi escrito outra vez, escrito de novo, tal como é a sua primeira acepção[1]. Se voltarmos aos exemplos retirados dos documentos programáticos, poderíamos dizer que *A Odisseia de Homero* de João de Barros é uma reescrita de a *Odisseia* de Homero. Será esta então a terminologia seguida no nosso texto.

2 - Se no programa da área de *Língua Portuguesa* do 1º ciclo do ensino básico não encontramos nenhum hipotexto ou hipertexto concretos aconselhados para leitura, já o programa da disciplina de *Língua Portuguesa* do 2º ciclo do ensino básico prevê várias reescritas nas suas listas de obras para leitura orientada.

No 5º ano de escolaridade surgem-nos as reescritas de contos tradicionais de António Botto ou de António Torrado (cujos hipotextos são diversos contos tradicionais populares, recolhidos pelos mais variados autores e presentes também eles nos documentos programáticos); e uma reescrita de *As Mil e Uma Noites* (cujo hipotexto é uma colectânea de contos árabe, com o mesmo título, anónima, escrita entre os séculos VIII e XVI), não especificando o programa qual, impondo apenas como condição que a selecção feita e a reescrita escolhida respeitem a estrutura narrativa da obra.

Já no 6º ano de escolaridade aparecem-nos a reescrita *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres (esta obra é um hipertexto da *Odisseia* de Homero); *Robinson Crusoe*, numa reescrita de John Lang (cujo hipotexto é a obra homónima de Daniel Defoe); e *As Viagens de Gulliver*, numa reescrita de João de Barros (cujo hipotexto, com o mesmo título, é da autoria de Jonathan Swift). Desta última obra o programa prevê que se leiam apenas as suas duas primeiras partes, e não que se faça uma leitura na íntegra.

O programa da disciplina de *Língua Portuguesa* do 3º ciclo do ensino básico prevê também várias reescritas nas suas listas de obras para leitura orientada. No 7º ano de escolaridade surge-nos a reescrita *A Odisseia de Homero* de João de Barros (cujo hipotexto é a *Odisseia* de Homero).

No 8º ano de escolaridade aparecem-nos as reescritas *História Trágico-Marítima* de António Sérgio (cujo hipotexto é a obra homónima, coligida por Bernardo Gomes de Brito); *Os Lusíadas de Luís de Camões* de João de Barros (o hipotexto é *Os Lusíadas* de Camões); e o *Romance de Amadis* de Afonso Lopes Vieira (cujo hipotexto é a novela de cavalaria *Amadis de Gaula*, que chegou até hoje na redacção de Garci Rodriguez de Montalvo).

Já no 9º ano de escolaridade está presente a reescrita *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* de Aquilino Ribeiro (o hipotexto é a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto). Convém realçar que estas obras são propostas em conjunto com muitas outras e, portanto, o professor e os alunos poderão eventualmente escolhê-las ou não para leitura orientada em contexto pedagógico.

No programa de *Língua Portuguesa* do 2º e 3º ciclo do ensino básico e no programa de *Português* (A e B) do ensino secundário estão presentes alguns hipotextos, cujas reescritas assinalámos anteriormente nos dois primeiros programas referidos. Nos 5º, 6º e 10º anos de escolaridade estão previstos para leitura "contos tradicionais populares", recolhidos por autores como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso e Ataíde de Oliveira. No 5º, 6º e 7º ano estão também previstos para leitura orientada textos do Romanceiro, recolhidos por Pere Ferré e Almeida Garrett, respectivamente (podem ser eventualmente escolhidos pelos alunos os hipertextos de António Torrado e os hipotextos referidos, como seria o caso de *A Nau Catrineta que tem muito que contar* de António Torrado e *A Nau Catrineta* de Pere Ferré).

No 9º ano de escolaridade surgem *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, na lista de obras para leitura orientada, não já como uma obra proposta, que pode ser objecto de escolha dos alunos, mas sim como uma obra de leitura obrigatória «Para além de uma peça de Gil Vicente e da leitura seleccionada de *Os Lusíadas*, devem ser escolhidas duas ou três obras.».[2] O programa prevê mesmo quais os Cantos e respectivas estrofes, que deverão ser alvo dessa leitura orientada / obrigatória, pelo que, em relação a este hipotexto, nenhuma escolha deste tipo fica ao critério do professor e dos alunos. Fazendo agora uma breve análise do ensino secundário, verificamos que, quer no programa de *Português* A, quer no de *Português* B, *Os Lusíadas* estão indicados como uma obra de leitura extensiva

e/ou metódica, desde o 10º até ao 12º ano de escolaridade (a excepção aparece-nos apenas no programa de *Português* B, que no 10º ano de escolaridade prevê o hipotexto de Camões referido, apenas para leitura extensiva). Nestes programas não temos indicações explícitas de quais os Cantos e estrofes a estudar, sendo este aspecto deixado ao critério do professor e dos alunos.

Os outros hipotextos presentes nos documentos programáticos são a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, que surge no programa de *Português* A, no 11º ano de escolaridade, como uma obra de leitura extensiva e/ou metódica e a *Odisseia*, de Homero, que aparece nos programas de *Português* (A e B) do ensino secundário no Apêndice, como sugestão de leitura de obras de literatura estrangeira. Para estas duas últimas obras propõe-se a leitura de excertos, sem contudo indicar quais devem ser objecto dessa leitura, deixando portanto este aspecto ao critério do professor e/ou aluno.

Ainda no programa de *Português* A, no 10º ano de escolaridade, encontramos a indicação para leitura extensiva e/ou metódica de "Textos do ciclo bretão", dentre os quais podem, eventualmente, ser seleccionados excertos da obra *Amadis de Gaula*, uma vez que o programa não nos fornece indicações explícitas sobre quais os textos a estudar. Embora em muitos hipotextos, os textos ou excertos dos mesmos possam ser escolhidos pelo professor e alunos, nos documentos programáticos alerta-se para o facto desta escolha dever ser feita em concordância com as temáticas propostas nos mesmos documentos para as leituras a efectuar.

Notamos, então, que em todos os anos do 2º e 3º ciclo do ensino básico (do 5º ao 9º ano de escolaridade), os programas da disciplina de *Língua Portuguesa* prevêem a leitura orientada de hipertextos, a par com a de hipotextos. As fontes de leitura, apesar de variadas, passam também por estas reescritas, que terão, parece-nos, caso os alunos as escolham, algum papel não só no desenvolvimento das competências de leitura como também no do desejo e prazer de ler.

III - O PAPEL DAS REESCRITAS EM CONTEXTO PEDAGÓGICO

A escolha das reescritas das obras consideradas clássicos da literatura universal, por parte dos alunos, em contexto pedagógico, levou-nos a tecer algumas reflexões sobre qual seria, na verdade, o seu papel na sala de aula.

Gostaríamos de salientar alguns aspectos, não esgotando com certeza as considerações acerca do papel destas reescritas em contexto pedagógico.

1 - Cunha (1985) refere, na sua obra *Literatura Infantil: teoria e prática*, que um dos percursos trilhados para se chegar a uma literatura infanto-juvenil foi o da reescrita dos grandes clássicos da literatura universal. As crianças leriam estes textos porque, segundo Diogo (1994), não existiriam obras suficientes para leitura, para esta faixa etária. As reescritas dos grandes clássicos responderam também à inquietação de alguns intelectuais (sobretudo nas décadas de 20/30/40 do nosso século) em dar a conhecer a um público infanto-juvenil (e ao povo) essas grandes obras da humanidade.

Assim, o primeiro papel das reescritas cremos, então, que será dar a conhecer a um público juvenil a existência de obras, consideradas pela sociedade como clássicos da literatura universal. Os alunos ficam, então, a conhecer não só as obras, mas também os seus autores e, eventualmente, dados sobre a vida, a obra e a época desses grandes escritores. Esta preocupação de que o público mais jovem possa conhecer os grandes clássicos da literatura está presente quer nos autores das reescritas, quer nos próprios editores. Se percorrermos apenas, como exemplo, três hipertextos diferentes de *Os Lusíadas*, vindos a público em diversas épocas, podemos notar esta preocupação.

Assim, no hipertexto previsto no programa de *Língua Portuguesa* do 3º ciclo do ensino básico, *Os Lusíadas de Luís de Camões* de João de Barros, de 1930, publicado pela Livraria Sá da Costa Editora, o autor diz-nos «As crianças não o lêem, não o podem ler(...). Não será tempo de oferecer-lhes uma singela, embora imperfeita adaptação da nossa Odisseia (...) para que ao menos se lhes tornem familiares o povo, os heróis, os acontecimentos notáveis celebrados por Luís de Camões e que são glória imorredoira da nossa terra?». (p.10)

Inquietação semelhante evidencia-se noutro hipertexto, desta vez *Os Lusíadas* de Adolfo Simões Muller (sd), das Publicações Europa-América, onde o autor confidencia às crianças «(...) Luís Vaz de Camões, o autor do imortal poema que até aqui lhes foi contado num breve resumo, para que mais facilmente o compreendam e fiquem todos com vontade de o ler de ponta a ponta.»(p.30), e o próprio editor afirma «Pretendeu-se assim, ao publicar uma adaptação do nosso poema épico, levar ao conhecimento do jovem leitor o conteúdo da obra com todo o seu ambiente de maravilhoso e de epopeia, na certeza de apelar para uma leitura posterior do texto de Camões.»(nota do editor).

Mais recentemente, em 1995, no prefácio do hipertexto intitulado *Os Lusíadas em prosa*, de Amélia Pinto Pais, publicado pela Areal Editores, David Mourão-Ferreira lançava de novo este alerta «Como interessar os jovens na leitura de *OS LUSÍADAS*? (...) Óptimo serviço é o que deste modo a Autora presta a futuros possíveis fruidores do magno texto a que este livro serve de introdução.» (prefácio).

Parece-nos, deste modo, que as tentativas, para que os jovens conheçam a existência destes grandes clássicos, continuam a ter expressão nos nossos dias, respondendo a uma inquietação que se nos afigura constante, ao longo destes anos.

2 - O programa de *Língua Portuguesa* do 3º ciclo do ensino básico encerra uma recomendação especial em relação ao hipertexto de João de Barros, *Os Lusíadas de Luís de Camões* «Para um conhecimento mais global de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, reconhece-se a utilidade da leitura da versão de João de Barros da mesma obra (...)».[3] Segundo o programa, esta reescrita de João de Barros pode contribuir para que haja por parte dos alunos um melhor conhecimento da epopeia camoniana.

Surge-nos então um segundo papel no estudo destas reescritas. Elas seriam uma propedêutica para a leitura posterior do hipotexto. Estas reescritas prepararíam o aluno para a leitura do hipotexto, na medida em que, através delas, eles teriam um primeiro contacto com o conteúdo e/ou a forma do mesmo. Assim, a leitura da hipotexto seria facilitada, uma vez que já haveria um prévio conhecimento de alguns aspectos do mesmo.

Diogo (1994) reconhece que esta preocupação em preparar os alunos para a leitura da literatura universal está presente nos programas de *Língua Portuguesa* do 2º e 3º ciclo do ensino básico, não só pela escolha das reescritas, como também pela inclusão de outros grandes autores e das suas obras nos programas «É de notar a preocupação em fazer contactar as crianças com grandes autores, com o património cultural do seu povo e da humanidade, do que, sobretudo, resulta ser a literatura infantil propedêutica à grande literatura (e à vida, naturalmente).» (p.69).

Parece-nos curioso que a proposta de leitura das reescritas termine no 9º ano de escolaridade, pois a partir do 10º ano de escolaridade essas propostas

recaem em hipotextos. Deste modo, afigura-se-nos que se pressupõe, nos documentos programáticos, que os alunos nesta fase da escolaridade já desenvolveram as suas competências de leitura a ponto de não ser necessário a presença das reescritas para poderem ler os hipotextos. Nesta fase, os alunos já seriam capazes de ler os hipotextos e talvez não seja abusivo concluir que este facto foi também possível devido às reescritas, uma vez que (e como já constatámos no ponto II.2 deste texto) nos documentos programáticos para o ensino secundário estão presentes alguns hipotextos dos hipertextos previstos nos mesmos documentos, para o 2º e 3º ciclo do ensino básico. Podemos, deste modo, concordar com Diogo (1994), visto que os programas evidenciam esta preocupação de preparar os alunos para a leitura das grandes obras universais, tendo as reescritas neste caso, parece-nos, um papel propedêutico numa leitura futura desses hipotextos.

3 - Um terceiro papel seria a leitura e a análise da própria reescrita. Uma vez escolhida como uma obra de leitura orientada, o professor vai intervir directamente, já que esta prática de leitura tem como finalidade preparar os alunos para a interpretação textual «As práticas de leitura orientada - a efectuar prioritariamente sobre obras seleccionadas de entre as propostas nos programas - exigem a mediação do professor e visam exercitar os alunos na interpretação de textos.»[4]. O professor irá, desta forma, trabalhar com os alunos os conteúdos previstos no programa da disciplina, desenvolvendo não só o domínio da leitura, mas também os outros domínios (ouvir/falar e escrever), através de diversas e inúmeras estratégias.

Muitos autores, como é o caso de Diogo (1994), põem em causa a utilidade da leitura orientada de obras em contexto pedagógico, questionando se esta prática formará, na realidade, verdadeiros leitores, «Esse envolvimento pedagógico exige a leitura em voz alta, uma recepção colectiva, a restrição da autonomia do indivíduo leitor, etc., de modo que não será completamente ilegítima a pergunta se a experiência dos alunos é deveras experiência de leitores e, sobretudo, se ela pode pretender a alguma séria continuidade(...).» (p.69). A leitura orientada de obras em contexto pedagógico seria, desta forma, como que um obstáculo à fruição e ao prazer de ler. Opinião semelhante é a de Sousa (1990), que afirma que «Ao querer que os jovens que não lêem o passem a fazer, dando-lhes, como exemplo do que é a leitura, (...) textos como objectos para serem só dissecados nas suas componentes formais em vez de serem, também, e sobretudo, entendidos e vividos como expressões do humano a que se deve

primeiramente reagir(...).» (p.116), não vamos conseguir, segundo a autora, formar jovens leitores. Os jovens que não gostam de ler, não o vão fazer, se a leitura se resumir à abordagem formal do texto.

Contudo, Reis e Adragão (1992) afirmam que «(...) a leitura integral não se realiza propriamente no tempo e no espaço da aula, mas antes dela(...)» (p. 145), pelo que o professor teria de motivar os seus alunos para que a leitura da obra fosse feita antecipadamente. Na aula, seriam estudados apenas excertos da obra, onde se trabalhariam conteúdos como os factos diegéticos ou as categorias textuais ou mesmo as componentes formais dos textos. Para estes autores, estas práticas de leitura - de um lado a leitura para a fruição do texto, do outro a leitura orientada pelo professor, com o objectivo de fazer uma análise formal do mesmo - devem ser conjugadas na prática pedagógica diária. O facto de uma obra ser objecto de uma análise categorial não deverá ser um obstáculo ao prazer que a sua leitura pode proporcionar ao leitor.

Temos a noção de que este assunto não é linear, nem pacífico, porém partilhamos da opinião de Gomes (1996), que afirma que práticas como a leitura orientada (e não só) levam os alunos a interessar-se pelas obras trabalhadas na aula «A experiência tem mostrado que as actividades escolares de Biblioteca de Turma, Leitura Recreativa e Leitura Orientada levam, por vezes, os jovens a pressionar os pais no sentido de adquirirem certas obras abordadas na aula.» (p.24), podendo ser quanto a nós, parece-nos, um começo para uma prática de leitura mais frequente e com mais prazer.

4 - Um quarto papel que se nos afigura é a prática da pluridisciplinaridade, ou mesmo, eventualmente, da interdisciplinaridade. Uma metodologia pluridisciplinar implica que haja uma relação entre os saberes de várias disciplinas, que se conjugam numa prática pedagógica integrada, para que haja, por parte dos alunos, uma maior compreensão da obra em estudo. Segundo Pombo, Guimarães e Levy (1993) por pluridisciplinaridade entender-se-ia «(...)qualquer tipo de associação mínima entre duas ou mais disciplinas, associação essa que, não exigindo alterações na forma e organização do ensino, supõe contudo algum esforço de coordenação entre os professores dessas disciplinas.» (p.12). A pluridisciplinaridade seria uma tentativa mínima de integração de várias disciplinas, que se concretizaria na sua coordenação para recolha de informações ou tratamento didáctico de qualquer aspecto dos conteúdos das mesmas. Desta forma, no caso das reescritas afigura-se-nos mais

viável uma abordagem pluridisciplinar do que interdisciplinar, visto que, segundo Pombo et al. (1993), a interdisciplinaridade exige que o processo de ensino/aprendizagem sofra alguma reorganização e que os professores tenham um trabalho continuado, o que com as actuais condições nas escolas (turmas numerosas, falta de espaços, programas longos, entre outras) será, certamente, mais difícil.

O programa de *Língua Portuguesa* do 3º ciclo do ensino básico manifesta esta intenção da prática de integração disciplinar (não explicitando a que níveis), assinalando mesmo algumas reescritas (das reescritas propostas para este ciclo, a única que não é objecto desta intenção explícita é a *História Trágico-Marítima* de António Sérgio) e algumas obras originais para serem estudadas em ligação com a disciplina de *História* «Obras escolhidas em articulação com a disciplina de História.».[5]

Procuraremos, então, sugerir algumas pistas para que se possa fazer, a partir da leitura das reescritas, uma abordagem pluridisciplinar das mesmas, parecendo-nos que desta maneira poderemos motivar e implicar muito mais os nossos alunos no processo de ensino/aprendizagem.

Assim, na disciplina de *Língua Portuguesa*, a leitura das reescritas permite aos alunos, não só a análise categorial da obra, mas também a aquisição de cultura, uma vez que poderão conhecer dados sobre a vida e a obra do autor do hipotexto bem como o contexto literário em que ele foi escrito. Porém, muitas outras aquisições poderão ser feitas ou consolidadas, no âmbito de variadíssimas disciplinas.

A disciplina de *História* (se pensarmos nas reescritas da *Odisseia*, ou da *Peregrinação*, ou da *História Trágico-Marítima*, apenas para exemplificar), auxiliaria os alunos a compreenderem a época em que se desenrolavam os acontecimentos, a conhecerem os povos, os seus usos e costumes, bem como aspectos da mitologia greco-latina, presentes na reescrita.

A disciplina de *Geografia* dar-lhes-ia um precioso auxílio ao nível da localização dos espaços (cidades, mares, rios) onde decorre a acção, ao nível de conceitos como latitude ou longitude, ou mesmo ao nível de fenómenos como os ventos ou as marés.

A disciplina de *Ciências da Natureza/Biologia* ajudá-los-ia no conhecimento de diversas árvores, plantas, animais e seus habitats; de determinadas doenças

(escorbuto), quais as suas causas e como se poderia preveni-las (o que levaria os alunos ao conhecimento da alimentação que se fazia a bordo e qual a que se deveria fazer).

Parece-nos que desta forma a leitura das reescritas não se reduz apenas à análise formal de textos, mas, com uma prática pluridisciplinar, poderá levar os alunos à aquisição e relacionação de outros conceitos e outras práticas.

5 - O quinto papel destas reescritas seria desenvolver nos alunos o desejo de ler e o prazer na leitura, tornando-a, se possível, num passatempo dos alunos. Os programas de *Língua Portuguesa* do 2º e 3º ciclo do ensino básico manifestam esta preocupação, salientando que as práticas de leitura recreativa e de leitura orientada deverão contribuir para que o aluno desenvolva o desejo e o prazer na leitura «O aprofundamento da relação afectiva com a leitura exige o contacto dos alunos com os livros, enquanto objectos, (...) a vivência de situações que propiciem o prazer imediato da leitura e a afirmação da subjectividade do leitor.»; «As actividades a realizar devem preservar o sentido global das obras e permitir interacções criativas com os textos, contribuindo, assim, para aprofundar o prazer de ler.».[6]

A fruição de um texto, só é possível, se o professor proporcionar na sala de aula (e não só) actividades que levem os alunos a disfrutar a leitura e a olhar para os livros como sendo uma fonte inesgotável de cultura e de divertimento. Estas actividades não passam apenas pela dinamização de uma biblioteca de turma, mas também pela associação entre as obras lidas e outras formas de arte (pintura, escultura, música), pela leitura dos nossos poetas, musicados e cantados pelos nossos músicos/cantores, pela dinamização da biblioteca da escola, de exposições e feiras do livro, de contactos entre os jovens leitores e os escritores, entre outras.

As obras escolhidas para leitura orientada deverão ser encaradas não como uma obrigação, mas sim como uma oportunidade de fruição de um novo texto, dando assim a esta prática de leitura um carácter lúdico. Parece-nos que, e tomando como exemplo as reescritas, encarando uma obra numa perspectiva de integração disciplinar, poderemos encontrar um percurso em que os alunos encarem a leitura como algo divertido, conjugando facilmente a fórmula horaciana - "dulce et utile" - levando os alunos a aperceberem-se de que a leitura pode ser fonte de prazer e de grande utilidade.

6 - Em jeito de conclusão e para terminar, gostaríamos de salientar que nos parece de grande importância que se consigam aliar as práticas de leitura recreativa e leitura orientada, visto que os alunos terão a oportunidade de fruir o texto e de analisá-lo formalmente em situação de sala de aula. Afinal, parece-nos, a motivação para a leitura passa também pelo facto de o professor proporcionar aos alunos novas experiências no contacto com os livros e com a leitura, no seu conhecimento das vivências dos alunos, permitindo que entre o texto e a experiência pessoal deles se estabeleça uma relação estreita, contribuindo desta forma para que, talvez, a leitura possa vir a ser um dos passatempos dos alunos.

NOTAS

(1) Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XXIV. Lisboa. Editorial Enciclopédia

(2) *Programa de Língua Portuguesa - Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem.* Ensino Básico. 3º Ciclo. 3ª edição. (Revista). DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. INCM. 1993. p. 35.

(3) *Programa de Língua Portuguesa - Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem.* Ensino Básico. 3º Ciclo. 3ª edição. (Revista). DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. INCM. 1993. p. 36.

(4) *Programa de Língua Portuguesa.* Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 3º Ciclo. Ensino Básico. 3ª edição. (Revista). DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. INCM. 1993. p. 20.

(5) *Programa de Língua Portuguesa.* Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 3º Ciclo. Ensino Básico. 3ª edição. (Revista). DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. INCM. 1993. p. 33.

(6) *Programa Língua Portuguesa.* Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 2º ciclo. Ensino Básico. DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. p. 20.

BIBLIOGRAFIA

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. (1995). *Os Lusíadas de Luís de Camões de João de Barros. Espelho de Aspectos Pedagógicos do Seu Autor.* Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica não publicadas, Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação, Évora.

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. (1996, Setembro). *Uma proposta para leitura orientada, no 8º ano de escolaridade, na disciplina de Língua Portuguesa - Os Lusíadas de Luís de Camões de João de Barros.* Comunicação apresentada no Encontro Europeu de *Culturas de Aprendizagem: o conhecimento e as práticas curriculares das ciências, das artes e das humanidades,* Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

BARROS, João de. *Os Lusíadas de Luís de Camões.* 19ª edição. Lisboa. Livraria Sá da Costa Editora.

CUNHA, M. A. (1985). *Literatura Infantil: teoria e prática.* 4ª edição. São Paulo. Ática, S. A.

DIOGO, Américo A. L. (1994). *Literatura Infantil. História, Teoria, Interpretações.* Colecção Mundo de Saberes. Porto. Porto Editora.

GENETTE, Gérard. (1982). *Palimpsestes.* Éditions du Seuil.

GOMES, José António. (1996). *Da Nascente à Voz. Contributos para uma pedagogia da leitura.* Caminho da Educação. Lisboa. Editorial Caminho.

MULLER, Adolfo Simões. *Os Lusíadas.* 2ª edição. Publicações Europa-América.

PAIS, Amélia Pinto. (1995). *Os Lusíadas em prosa.* 1ª edição. Porto. Areal Editores.

POMBO, Olga, GUIMARÃES, Henrique M. e LEVY, Teresa. (1993). *A Interdisciplinaridade. Reflexão e Experiência.* 1ª edição. Colecção Educação Hoje. Lisboa. Texto Editora.

REIS, Carlos e ADRAGÃO, José V. (1992). *Didáctica do Português.* Lisboa. Universidade Aberta.

SOUSA, Mª de Lourdes D. (1990). Agora não posso. Estou a ler! *Revista Portuguesa de Educação*. Instituto de Educação. Universidade do Minho. Vol.3. nº 3. 115/127.

DOCUMENTOS PROGRAMÁTICOS

Programa do 1º ciclo. Ensino Básico. (1990). DGEBS. Ministério da Educação.

Programa Língua Portuguesa. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 2º ciclo. Ensino Básico. DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II.

Programa de Língua Portuguesa. (1993). Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. 3º Ciclo. Ensino Básico. 3ª edição. (Revista). DGEBS. Ministério da Educação. Vol. II. INCM.

Programas de Português A, Português B. Ensino Secundário. 4ª edição. DGEBS. Ministério da Educação.